Dia 30 — São Fiacro, Confessor

São Fiacro, tão célebre em toda a Igreja, mas singularmente na da França, foi filho primogênito de Eugênio IV, rei da Escócia, que começou a reinar no ano de 606. Desejoso o rei de dar a seu filho aquela cristã educação que correspondia ao herdeiro presuntivo da coroa, encarregaram dela Canão, bispo de Sodera, prelado de exemplar virtude e de prendas muito sobressalentes. Achou no príncipe o ilustre preceptor um belo natural, um coração nobre e generoso, um gênio dócil, e não poupou meio algum para formar em Fiacro um príncipe cumprido. Conseguiu-o. Correspondeu o príncipe ao cultivo do bispo com tanta inclinação e com tanta docilidade que logo se reconheceu não lhe fazer já falta o mestre. A inocência de seus costumes e aquela natural inclinação que tinha à virtude desgostaram-no da corte. Conheceu seus perigos; e, descobrindo o nada de todas as grandezas humanas entre as mesmas aparentes brilhantezes do fausto e do esplendor, resolveu aspirar unicamente a enriquecer-se com as prosperidades do céu. A terna devoção que professava à Santíssima Virgem inspirou-lhe tanto amor à pureza que só pensou em buscar um asilo seguro onde pôr a cobro aquela delicada virtude; e o dom de oração com que Deus o havia favorecido determinou-o a passar em algum deserto toda a vida. Nenhum se lhe oferecia na Escócia onde não pudesse ser facilmente descoberto, pelo que tomou a resolução de retirar-se à França, fugindo secretamente da corte. Mas, sabendo que sua irmã Sira tinha os mesmos pensamentos, comunicou-lhe seu intento, e ela se determinou a ser sua companheira naquela piedosa fuga. Escaparam-se, pois, da corte sem notícia do rei seu pai e, correndo presurosos ao primeiro porto, encontraram um navio que estava para fazer-se à vela para a França; e, embarcando nele sem dar-se a conhecer, dentro de poucos dias deram fundo naquele reino.

Como todo o seu anelo era buscar um lugar solitário onde retirar-se, encontraram perto de Meaux um deserto que a nosso santo pareceu ser o mesmo que o céu lhe havia destinado para seus piedosos fins. Apresentaram-se a São Faro, bispo de Meaux, ocultando sempre seu nome e sua qualidade, e suplicaram-lhe com a maior submissão que tivesse a bem permitir-lhes ficar em algum lugar retirado de sua diocese, onde pudessem passar o resto de seus dias em exercícios de oração e de penitência. A princesa lhe rogou que se dignasse assinalar-lhe algum mosteiro de virgens onde se recolhesse para atender unicamente ao negócio da salvação, e nosso santo lhe pediu licença para ficar no deserto imediato. Bem conheceu o santo bispo por seu ar e por seus modos que eram personagens de muita distinção; mas, como não se queriam dar a conhecer, não os apertou mais e contentou-se com aprovar-lhes seus piedosos intentos. À princesa meteu-a num mosteiro de que era abadessa Santa Fara, irmã do mesmo bispo; e ao príncipe Fiacro deu-lhe um sítio no bosque de Fordille para que fabricasse nele uma ermida.

Logo que nosso santo se viu em seu amado deserto, erigiu nele uma capela em honra da Santíssima Virgem, a quem apelidava sua querida mãe, indo cada dia em aumento sua terna

devoção a esta Senhora; e junto à capela fabricou uma humilde celinha. Nela renovou o ilustre solitário a mais perfeita imagem dos Paulos, dos Antões e dos Hilariões, vivendo mais como anjo que como homem. Aquele terno príncipe, que havia nascido e se havia criado entre as delícias e os regalos da corte, não teve daí em diante outro alimento que ervas silvestres e raízes amargas. Seu jejum era contínuo, e a oração tão contínua como o jejum. Comunicava-se o Senhor àquela grande alma com tanta abundância de consolos celestiais que não lhe davam lugar nem sequer para lembrar-se dos atrativos da corte. Foram tão excessivas suas penitências que o historiador de sua vida como que se inclina a acusá-lo de haver tratado seu corpo com demasiado rigor.

Não podia deixar de descobrir-se logo uma santidade tão eminente, sem que bastasse a escondê-la toda a espessura do espantoso deserto. Dilatou-se logo com muito ruído a fama de nosso santo, e esta reputação lhe atraiu uma multidão de hóspedes. Recebia com maior gosto os pobres, e sua ardente caridade lhe sugeria mil indústrias para aliviá-los e para socorrê-los. Não contente com as graças que lhes conseguia do céu, sarando-os milagrosamente de suas enfermidades, procurava assisti-los em sua pobreza, discorrendo todo gênero de meios para fazer menores suas misérias. Fabricou vários quartos, que formavam uma espécie de mosteiro, para hospedar os forasteiros; e ele mesmo por sua mão cultivava um campinho e uma hortazinha em que plantava legumes para festejá-los o tempo que se detivessem na ermida. Voltando de Roma São Quiliano, ouviu dizer tantas maravilhas da virtude de nosso solitário que quis ir vê-lo; e, achando no que experimentava muito mais, sem comparação, do que a fama lhe havia informado, ter-se-ia ficado para sempre naquela solidão, se não o tivessem tirado dela seu mérito e sua rara santidade para fazê-lo bispo no condado de Artois.

Mas, como crescesse cada dia o número dos peregrinos que concorriam a São Fiacro buscando consolo em seus trabalhos e milagrosa saúde em suas enfermidades, julgou o santo que devia acudir por novo socorro a São Faro. Representou-lhe que, se lhe concedia maior espaço de terreno naquele deserto, ele o cultivaria e o faria produzir o bastante para sustentar tanta multidão de pobres. Ouviu-o o prelado com veneração e respondeu-lhe que desde logo lhe fazia doação de todo o espaço de terreno que ele só, e sem ajuda de outro, pudesse rodear de um fosso num só dia. Despediu-se Fiacro do bispo, retirou-se a sua ermida, fez oração a Deus e, na manhã seguinte, tomando seu báculo na mão, começou a traçar com ele uma linha dentro da qual se havia de compreender o terreno que o bispo lhe havia concedido; mas, por um prodígio verdadeiramente raro, a linha ia-se abrindo por si mesma numa vala larga e profunda, segundo o santo a ia delineando, caindo ao mesmo tempo as árvores para uma e outra margem da vala, para servir de muro ao recinto da ermida. Viu por casualidade uma mulher este portento e, tendo o santo por feiticeiro, voou logo ao bispo de Meaux e disse-lhe que o ermitão do bosque era um mago e um encantador, pois ela mesma havia visto por seus próprios olhos os assombrosos efeitos de seus encantamentos; e, sem esperar mais razões, voltou correndo à ermida, encheu o santo de injúrias e de impropérios e intimou-lhe da parte do bispo que não passasse adiante. Deteve-se imediatamente o santo; e, depois de dar muitas graças àquela precipitada mulher pela má obra que lhe havia feito, reclinou-se para descansar sobre uma pedra, na qual deixou milagrosamente estampada a figura de seus joelhos e de seu braço, como se adverte até o dia de hoje em sua igreja. Chegou pouco depois São Faro e, admirando as maravilhas com que manifestava Deus a santidade de seu servo, rogou-lhe que continuasse na obra do recinto, e o mesmo bispo foi testemunha do prodígio.

Enquanto Fiacro vivia tão quieto, tão sossegado e tranquilo em sua santa solidão, morreu o rei seu pai, e sucedeu-lhe na coroa da Escócia seu irmão menor Fercardo; mas, tendo a desgraça de deixar-se inficionar da heresia dos pelagianos e tendo-se precipitado nas maiores desordens, foi deposto por uma junta geral dos Estados, tanto por seus erros como por seus excessos. Era preciso assinalar-lhe sucessor, e todos os Estados convieram em dar a coroa a Fiacro, a quem pertencia de direito. Enviaram seus deputados ao rei da França, Clotário II, suplicando-lhe que empregasse toda a sua autoridade em obrigar Fiacro a que se restituísse à Escócia. Sobressaltou-se o santo e, temendo que o arrancassem por força, suplicou com instâncias ao Senhor que o fizesse leproso de repente, esperando com este especioso artifício conservar-se em sua pobre celinha e fazer o generoso sacrifício de seu reino. Saiu-lhe bem o piedoso estratagema. Cobriu-se ao parecer de uma asquerosíssima lepra, à cuja vista se encheram de horror os deputados e se contentaram com dizer-lhe friamente que em sua mão estava ir tomar posse da coroa que lhe pertencia; embora eles não se atrevessem a instá-lo a que abandonasse sua amada solidão. Logo se convieram ambos os partidos. Respondeu-lhes o santo que ele não trocava seu deserto por todos os reinos do mundo e que assim podiam buscar quem os governasse onde melhor lhes parecesse. Apenas voltaram a passar o mar os deputados, a aparente lepra desapareceu, e o santo ficou tranquilo em sua apreciada solidão. Deu novo realce a sua virtude este ruidoso sucesso. Divulgado o esplendor de seu real nascimento, que até então havia tido tão profundamente oculto, cresceu prodigiosamente o número dos admiradores, dando-se pressa em ver e conhecer aquele príncipe disfarçado de ermitão. Esta reputação afligiu muito sua humildade; e, sendo cada dia maior o concurso dos que o buscavam, pediu ao Senhor que o tirasse deste mundo. Concedeu-lho; e, cheio de anos e de virtudes, morreu no dia 30 de agosto do ano 679, aos 64 de sua idade, tendo passado os 40 no deserto. Foi sepultado seu corpo na igreja que ele mesmo havia fabricado com o título da Mãe de Deus; e algum tempo depois foi trasladado dela à catedral de Meaux, onde se conserva exposto à pública veneração numa caixa de prata dourada, dádiva de Luís II.

Tendo obrado tantos milagres em vida, ainda foram mais frequentes e mais célebres os que obrou depois de morto. De todas as partes concorriam a implorar a intercessão deste grande santo para todo gênero de enfermidades e de calamidades públicas. Um vizinho de Monchy, na Picardia, ia em peregrinação ao sepulcro do santo, levando consigo dois filhos seus enfermos: todos três caíram num rio muito profundo e num instante perderam-se de vista. Quando já se os cria sorvidos das águas, viram-nos aparecer com admiração, levando o pai pela mão seus dois filhos e caminhando sobre as águas, que se haviam consolidado até que chegaram à margem. A este prodígio seguiu-se o de sarar os filhos dos males que padeciam, e muito pouco tempo depois deste milagre obrou nosso santo outro mais admirável.

Foram banhar-se no rio Oise quatro meninos, e todos quatro ficaram afundados em suas ondas; buscaram-se seus corpos por muito tempo, mas não foi possível achá-los. Sabedoras as tristes mães desta desgraça, acudiram ao rio muitas horas depois, desfeitas em lágrimas; e, cheias de confiança em nosso santo, imploraram sua poderosa intercessão com Deus, suplicando-lhe que se compadecesse dos filhos e das desconsoladas mães. Mal acabaram sua fervorosa oração, viram vir os meninos muito serenos pelo rio, os quais asseguraram depois que São Fiacro os havia sustentado em meio das águas.

São adoradas em Meaux com a maior veneração suas santas relíquias; mas a rainha Maria de Médici obteve uma porção delas, que se conservam em Florença; e no ano de 1637, tendo conseguido o cardeal de Richelieu um dos ossos da espinha, mandou engastá-lo num precioso relicário, que hoje se venera na igreja paroquial de São José de Paris, na qual há uma célebre confraria em honra do mesmo santo.

São Pamáquio

Pamáquio era um senador romano a quem seu condiscípulo São Jerônimo chama lustre da distinta família dos Camilos. Os encarregados de sua educação conduziram-se de modo que lhe inspiraram amor ao estudo e, depois de havê-lo instruído nos diferentes ramos da literatura, iniciaram-no também no conhecimento da sagrada Escritura. Entrou no mundo por volta dos anos de 370, quando São Jerônimo se retirou ao deserto. Tendo sido recebido no senado, por seu mérito e virtude chegou a ser o ornamento daquela ilustre corporação. Obteve a dignidade proconsular e casou-se com Paulina, filha segunda de Santa Paula. Ele foi o primeiro que descobriu os erros de Joviniano e os denunciou ao papa Sirício, que condenou o heresiarca em 390.

As amizades contraídas na juventude e cimentadas na uniformidade de sentimentos, assim como na afeição aos mesmos estudos, são de ordinário as mais sólidas e as mais agradáveis. Tal foi a que unia São Jerônimo e São Pamáquio. O santo doutor tomou muitas e grandes luzes de seu amigo Pamáquio para a composição de suas obras contra Joviniano. Consultava-o a miúdo e passava pelo que ele dizia sobre a solução de certas dificuldades.

Perdeu Pamáquio sua esposa Paulina aos três anos de matrimônio. Tendo mandado oferecer por ela o santo sacrifício, deu, segundo o costume daqueles tempos, um convite a todos os pobres de Roma. Sabemos isto por uma carta que São Paulino lhe escreveu, e que conclui nestes termos: «Vossa esposa, que agora está no céu, roga instantemente por vós a Jesus Cristo; alcança-vos graças proporcionadas aos tesouros que enviastes da terra, não já honrando sua memória com estéreis lágrimas, mas fazendo-a participante dos dons vivos que fizestes pelo descanso de sua alma; e ela se acha honrada pelo mérito de vossas virtudes e alimentada com o pão que distribuístes aos pobres.» Na epístola 54 de São Jerônimo lê-se que Pamáquio regou as cinzas de sua esposa com o bálsamo da esmola e da misericórdia, que alcança o perdão dos pecados; que, além disso, os cegos, os coxos e os pobres foram seus co-herdeiros e os herdeiros de Paulina, e que nunca se o via sair em público sem ir seguido de uma tropa de infelizes.

Nosso santo edificou um hospital para os estrangeiros que iam ao Porto Romano. Servia os enfermos e os pobres com suas próprias mãos. Escreveu a seus rendeiros e a seus vassalos que tinha na Numídia, exortando-os a renunciar ao cisma dos donatistas, e conseguiu vê-los voltar ao seio da Igreja católica. Este zelo pela unidade da fé lhe mereceu uma carta de felicitação da parte de Santo Agostinho em 401, como se pode ler na epístola 58 a Pamáquio. O parecer de alguns modernos, que pretendem que nosso santo recebeu as ordens sagradas, não se apoia em nenhuma prova sólida. Contentou-se com viver separado do mundo e consagrar-se inteiramente

aos exercícios da oração, da penitência e da caridade. Morreu em 410, um pouco antes da tomada de Roma, e é nomeado a 30 de agosto no martirológio romano.

Santa Rosa de Lima

Em Lima, capital do reino do Peru, nasceu no dia 20 de abril do ano 1586 a Rosa mais preciosa que produziu aquele fértil país; belo ornamento da Ordem Terceira de Penitência do patriarca São Domingos; uma das mais célebres santas destes últimos tempos. Em seu nascimento declarou com juramento sua mãe não haver sentido as dores do parto, dispensando-a o Onipotente da lei penal imposta a todas as mulheres. Batizaram-na na festa do Espírito Santo, querendo nisto denotar a divina Providência que derramava naquela grande alma o incêndio do amor divino que desceu em línguas de fogo sobre o colégio apostólico. Puseram-lhe Isabel por nome; mas, em virtude do extraordinário prodígio que ocorreu estando no berço, aos três meses de haver nascido, de transformar-se seu rosto numa formosa rosa, chamou-se desde então com este nome, no qual foi confirmada por São Toribio Afonso Mogrovejo, dignísimo arcebispo então de Lima, ao qual acrescentou o de Santa Maria, por disposição da rainha dos anjos.

Criaram-na seus pais com o maior cuidado segundo as máximas da religião cristã; mas, como se achava prevenida do céu com as mais doces bênçãos, tiveram a consolação de ver na menina, a pouco tempo, um pequeno prodígio da graça, que parecia obrar nela com mais atividade que a própria natureza. Com efeito, sua afabilidade, seu agrado, sua serenidade, seu candor, sua tranquilidade e seu admirável sofrimento em várias incisões que lhe fizeram por motivo de várias enfermidades, sem que lançasse o mais mínimo suspiro, e sobretudo sua inclinação conatural à virtude, fizeram conhecer a todos desde logo que o Senhor a havia eleito para esposa sua.

Continuando Rosa, sustentada da divina graça, sendo o objeto dos mais altos elogios por sua boa conduta, chegou àquele ponto de idade em que a natureza manifestou as qualidades apreciáveis de formosura, desembaraço, vivacidade e extraordinários talentos de que se achava dotada; embora seu recato e modéstia procurassem ocultá-las e até desfigurá-las para não ser grata aos homens. Como eram públicas e notórias suas prendas pessoais, muito mais recomendáveis com o adorno de sua eminente virtude, declararam-se vários pretendentes de sua mão, julgando-se feliz o que a lograsse por esposa. Entre todos preferiram os pais um jovem rico e poderoso, vinculando sua felicidade em tão vantajoso matrimônio. Exigiram de Rosa o consentimento, a qual, consternada com aquela linguagem desconhecida, respondeu singelamente que já tinha consagrada sua virgindade a Jesus Cristo com voto. Não se pode ponderar o sentimento que conceberam os pais de uma resolução tão inesperada; e assim, em despeito, sobre outras muitas injúrias, ultrajes e maus-tratos, lançaram-lhe às costas todo o peso da casa, mandando-lhe que fizesse os ofícios mais vis e penosos. Sofreu por algum tempo aquela perseguição, que serviu unicamente para que brilhasse mais sua inalterável paciência e admirável sofrimento, até que, conhecendo os pais que Deus era o autor de suas resoluções, bem qualificadas por suas ações precedentes, não querendo opor-se à vontade divina, deixaram-na seguir em suas santas ideias.

Fundaram por aquele tempo em Lima dona Maria de Quiñones e São Toribio Afonso Mogrovejo o mosteiro de Santa Clara; e, crendo ambos que entre as primeiras plantas que poderiam recomendar a religiosidade daquela nova casa seria sem dúvida Rosa, bem conhecida por sua eminente virtude, ofereceram-lhe tudo o necessário para que entrasse naquele convento. Mas, como a divina Providência a tinha destinada para que fosse belo ornamento da Ordem Terceira de Penitência do patriarca São Domingos, não tiveram efeito seus desejos. Frustrada aquela proporção, um irmão da santa, que tinha bem conhecido seu espírito, fez com toda a cautela as mais vivas diligências para que entrasse no mosteiro da Encarnação de Lima, da ordem de Santo Agostinho. Dispostas todas as coisas, no mesmo dia em que a esperavam as religiosas, entrou de passagem na capela de Nossa Senhora do Rosário a dar a Sua Majestade graças por lhe haver concedido o favor de consagrar-se no claustro ao serviço de seu santíssimo Filho; mas apenas pôs os joelhos em terra, ficou imóvel, sem poder levantar-se, nem mesmo com a ajuda de seu irmão. Conheceu por aqui, ilustrada superiormente, que sua determinação não era do agrado do Esposo eterno e sim que seguisse o caminho de Santa Catarina de Sena, cujo exemplo se propôs imitar desde seus mais ternos anos; e, prometendo-o assim no mesmo ato, ficou expedita para todo movimento. Comunicou o sucesso circunstanciado a seu confessor e, com acordo deste, vencidas as muitas dificuldades que ocorreram, vestiu o hábito de Terceira Dominicana no ano 1606, dia de São Lourenço, abrasada com os mesmos ardores de caridade que aquele ilustre mártir de Jesus Cristo.

Não é fácil poder explicar o gozo de que se encheu o coração de Rosa, vendo-se vestida com a mesma divisa que a heroína a quem desejava imitar com vivas ânsias. Para formar como aquela um retiro proporcionado onde, negada ao comércio do mundo, pudesse entregar-se totalmente ao serviço de seu amado, dispôs no mais apartado da horta de sua casa uma pobre cela, em cuja habitação se deixou ver prodigiosamente que, estando rodeada de uma nuvem de mosquitos e moscardos, nenhum deles se atreveu a molestá-la. Respondia com muita graça aos que lhe perguntavam sobre aquela extraordinária maravilha que tinha feito pacto com os animaizinhos de não os molestar, nem eles a ela.

Não satisfeito seu fervor com o dito, apenas vestiu o hábito de terceira quis acreditar o caráter daquela ordem com as mais assombrosas penitências. No princípio disciplinava-se com cordéis retorcidos; mas depois com uma cadeia de ferro até que corria o sangue por terra, redobrando este rigor quando entendia estar irritada a divina justiça por culpas alheias ou ameaçava algum castigo a sua pátria. Mas, tendo-lhe proibido seu confessor aquela crueldade, cingiu a cintura três vezes com a mesma cadeia, fechando seus extremos com um cadeado, cuja chave arrojou para que não fosse fácil abri-lo. Seguiu com este martírio algum tempo, até que, introduzida na carne a cadeia, a pôs em termos de morrer; e vendo-se então na precisão de descobrir o segredo a sua confidente Mariana, condescendeu com ela que a quebrasse à força de golpes, embora o Senhor, para impedir uma operação tão cruenta, fez que saltasse inopinadamente a chapinha; mas, arrancando-se com ela várias porções de carne, sofreu intensíssimas dores das feridas que lhe resultaram. Proibiu-lhe seu diretor o uso daquele instrumento. Mas em troca afligia todas as partes de seu inocente corpo com ásperos cilícios e uma vestidura interior de sarja tosca e grosseira que, além de não se poder mover com ela, se abrasava nos rigores do estio.

Não se deve estranhar este rigor depois que elegeu a ordem de penitência, quando desde seus mais ternos anos manifestou a propensão a esta virtude, desejosa de ser participante das penas que padeceu Jesus Cristo. Servia em sua casa uma índia de áspera condição, chamada Mariana, a quem rogava, quando menina, que a açoitasse, ultrajasse, cuspisse e pusesse os pés em sua boca, rogando-lhe, posta de joelhos, que assim o fizesse por amor de Deus quando se resistia aquela a executá-lo. Vendo, aos doze anos não completos, uma imagem do Senhor na postura de *Ecce Homo*, penetrado seu coração do mais vivo sentimento ao considerar as dores que o Senhor padeceu quando lhe puseram a coroa de espinhos, ansiosa de imitá-lo, fez primeiramente um cerco de estanho com tachinhas pela parte interior, cingindo com ele a cabeça; mas, não lhe parecendo bastante esta pena, formou outro de prata com trinta e três pontas, correspondentes aos anos que viveu o Redentor, mudando-o repetidas vezes para que as novas feridas lhe lastimassem a cabeça, apertando-o fortemente quando sentia alguma tentação impura.

Tendo lido na vida de Santa Catarina de Sena seu desposório com Jesus Cristo, embora desejasse ter esta dita, não se atrevia a pedi-la ao Senhor, considerando-se tão indigna em seu conceito que costumava prorromper não poucas vezes que não sabia como Deus não a havia já submergido no abismo, quando, por suas horríveis culpas, lhe era devido o mais profundo lugar do inferno; sendo assim que seu confessor apenas encontrava matéria sobre que absolvê-la. Quando lutava com esta pena, deixaram-na sem a palma acostumada a dar às Terceiras Dominicanas no Domingo de Ramos e, interpretando aquela inculpável omissão em outro sentido que o disposto pela divina Providência, passou cheia de amargura à capela do Rosário a desafogar sua pena com a Rainha dos anjos, que, vendo-a anegada em tão profundo sentimento, intercedeu com seu santíssimo Filho para que a consolasse. Fê-lo o Senhor, dizendo-lhe: «Rosa de meu coração, eu te quero por esposa.» Fizeram em seu coração tal impressão estas doces palavras que caiu desmaiada em terra, lutando entre o amor e o temor, sem atrever-se a olhar a soberana Majestade de seu dono, o qual, confortando-a com novas graças, entregou-lhe um anel em sinal de seu desposório, no qual fez gravar Rosa o retrato do Menino Jesus, com as expressões ditas. Desde então creu a inseparável união com seu amado, em termos que pôde dizer com o Apóstolo: «Já não vivo eu, mas Jesus Cristo vive em mim», acreditando com provas práticas o incêndio de amor em que se achava abrasado seu peito.

Sem embargo de que o Senhor se dava por tão satisfeito dos serviços de Rosa, com tudo isso quis prová-la por meio de enfermidades gravíssimas e dores muito intensas, nas quais sempre deu exemplo de uma indizível paciência e de um admirável sofrimento. Mas não foram estas mortificações as que mais lhe deram que padecer. Solicitava seu esposo purificar ainda mais aquela grande alma com o fogo da tribulação, para aumentar por este caminho muitos graus a seus merecimentos. Cessaram de repente os contínuos favores com que o Senhor a regalava, tão esquecida deles como se nunca os tivesse recebido. Achou-se seu espírito possuído de uma desolação, de uma aridez e de uma secura suma, de um desgosto total a todos os exercícios de devoção, de um tédio insuportável na oração, acometida de uma sublevação geral das paixões que a combatiam com certas tentações desconhecidas da castíssima virgem até então. Por espaço de quinze anos, ao menos uma hora ao dia ficava anegada no abismo de tão terríveis provas, que passava o resto do dia e da noite tremendo e palpitando-lhe o coração. Finalmente viu-se obrigada a consultar seu padecer com os teólogos mais doutos para seu consolo, cujos ditames só serviram para aumentar sua pena; porque uns qualificaram aqueles sintomas de delírio, outros de ilusões e

desvarios e os mais piedosos de efeitos nascidos de sua delicadeza. Desolada, desprezada e abandonada, pode-se duvidar com razão se era possível martírio mais cruel; mas com tudo isso em nada se desmentiu Rosa, lutando, sustentada da divina graça, contra todo aquele torvelinho de tormentos. Depois de seu contínuo recurso ao Senhor, todo o seu consolo era a proteção da Santíssima Virgem, vendo-a muitas vezes, durante aqueles excessos de desolação e desamparo, abraçar-se estreitamente com alguma imagem desta Senhora, implorando sua clemência.

Sucedeu, enfim, a calma a tão desfeita tempestade e a alegre luz a tão tristes trevas. Apareceu-lhe seu santo esposo, acompanhando sua sensível presença com tão celestiais consolos que num instante lhe fizeram esquecer todos os passados tormentos. E, querendo remunerar seu pacífico sofrimento com favores singulares, visitava-a com frequência, fazendo o mesmo sua Mãe santíssima e Santa Catarina de Sena, a quem assinalou o Senhor por sua diretora, mediante que a elegeu por modelo de suas operações, deixando-se ver por seu contínuo comércio o rosto de Rosa como uma cópia viva daquela heroína, por cuja razão a chamam os limenhos segunda Santa Catarina de Sena. Desta familiaridade e da que tinha com os anjos, especialmente com o de sua guarda, com quem se entretinha com as expressões mais ternas de afeto, para que as fizessem presentes a seu esposo, resultou abrasar-se nas chamas do amor divino. Umas vezes desafogava-se com profundos suspiros e outras com vozes significativas de seus sentimentos. «Como é possível (dizia muitas vezes), Deus e Senhor meu, que haja quem deixe de amar-te? Quando eu, meu bom Jesus, começarei a fazê-lo como mereces? Ai de mim! Quão longe estou daquele amor perfeito e íntimo que te devo, pois ainda não aprendi a amar-te como convém! Não sei como não me envergonho de minha tibieza. De que me serve o coração que tenho, para que o quero, se até agora não se desfez de puro amar-te?» A estas expressões eram consequentes seus deliquios e admiráveis êxtases, nos quais não poucas vezes despedia seu rosto raios acesos de fogo, indícios nada equívocos do vulcão que ardia em seu peito.

Gostava Rosa, sossegada e tranquilamente, daquelas espirituais doçuras que são como antecipados lampejos das delícias do céu, sem deixar-se ver quase senão no templo e ao pé dos altares. Tendo-lhe dado a entender o Senhor que a caridade podia estender-se a favorecer o próximo, exerceu-a de tal sorte com todo gênero de pobres e necessitados que teria esgotado seguramente os fundos que encontrava em pessoas devotas para socorrê-los, se não houvesse suprido Deus com milagres suas assistências. Ao passo que era sua caridade imensa, era também excessivo seu zelo pela salvação das almas, sendo poucos os miseráveis a quem não convertesse ao mesmo tempo que os socorria. Aplicava, para que o Senhor lhes concedesse sua graça, fervorosas orações e rigorosas penitências. Tampouco omitia os sufrágios em alívio das almas do purgatório.

Debilitada a saúde de Rosa ao rigor de suas grandes penitências e prolixas enfermidades, dignou-se o Senhor revelar-lhe o dia de sua morte. Foi tão excessiva a alegria que lhe causou esta notícia, e tão veementes os gozosos ímpetos que sentiu seu coração, que não pôde dissimulá-lo. Aproximando-se o tempo de sua dissolução, anunciou-lhe seu Esposo que padeceria as dores mais intensas, por última prova de sua invicta paciência. Com este aviso, três dias antes de sua última enfermidade, passou à capela do Rosário a pedir à Santíssima Virgem que a favorecesse com sua assistência para beber aquele cálice de amargura. Caiu com efeito no primeiro dia de agosto num abismo de dores tais que, apesar de seu grande sofrimento, prorrompeu à meia-noite em clamores

lastimosos. Acudiram as criadas e a acharam estendida no chão, em termos que só a palpitação do peito e a respiração apressada davam testemunho de que permanecia nela o calor vital. Acudiram os facultativos e, atendendo aos sintomas da extraordinária enfermidade, declararam que a complicação daqueles acidentes era superior a quanto podiam sofrer as forças humanas. Continuou Rosa com aquelas vivas dores e inexplicáveis amarguras, mais sensíveis que a mesma morte, até o dia de São Bartolomeu, em que profetizou seu trânsito, sem que se lhe ouvissem outras expressões que as de sua conformidade com a vontade divina. Recebeu os últimos sacramentos com a devoção e ternura própria de seu espírito; e, transportada em doces êxtases, consumida aquela bem-aventurada vítima à violência do incêndio do amor do Esposo eterno, rendeu seu espírito nas mãos do Criador no dia 24 de agosto do ano 1617.

A fama de santidade em que morreu Rosa e a multidão de milagres que se dignava o Senhor obrar cada dia por sua intercessão moveram todo o reino do Peru, a religião de São Domingos e o rei católico a suplicar à Santa Sé que acordasse sua beatificação e canonização. Dispensou Sua Santidade Alexandre VII o decreto de Urbano VIII, sobre que não se tratasse este assunto de algum servo de Deus até que passassem cinquenta anos depois de sua morte. Despacharam-se as correspondentes letras apostólicas para os processos informativos, e resultaram plenamente justificados por uma multidão de testemunhas o heroísmo de suas virtudes e notórios milagres em vida e depois de morta. Beatificou-a o papa Clemente IX por seu decreto de 12 de fevereiro de 1668, e por outro de 2 de janeiro do ano seguinte a declarou padroeira da capital de Lima e de todo o Peru. Mas, continuando as instâncias para sua canonização, fê-la com a solenidade acostumada Clemente X, em 12 de abril de 1671.

Martirológio Romano

Em Roma, no caminho de Óstia, o martírio de São Félix, presbítero, sob os imperadores Diocleciano e Maximiano, que, depois de haver sido posto no ecúleo, foi condenado à morte; e, como o levassem para degolá-lo, achou-se com um cristão que se pôs a gritar que também ele era cristão, pelo que foram degolados juntamente. Não sabendo os cristãos como se chamava este último, deram-lhe o nome de Adaucto, por haver sido agregado a São Félix, companheiro de martírio.

Também em Roma, Santa Gaudência, virgem e mártir, em companhia de outras três.

No dito lugar, São Pamáquio, presbítero, varão de eminente doutrina e santidade.

Em Sufetula, colônia da África, sessenta bem-aventurados mártires, mortos pelo furor dos gentios.

Em Adrumeto, também na África, São Bonifácio e sua esposa Santa Tecla, que tiveram doze filhos, todos mártires.

Em Tessalônica, São Fantino, confessor, que, depois de mil padecimentos da parte dos sarracenos, foi lançado do mosteiro onde vivia com admirável abstinência, atraindo muitíssimas pessoas ao caminho da salvação, e morreu por último cumulado de anos e virtudes.

Em terra de Meaux, São Fiacro, confessor.

Em Bolonha, São Bononio, abade.

Em Angoumois, São Fraigno, confessor.

Em Voisinat, perto de Meung, diocese de Orléans, São Yon, visconde.

Em Rebais, em Brie, São Aile, primeiro abade daquele lugar. Em Abitina, na Numídia, a festa dos santos mártires Félix, Evo e Regiolo.

Na Etiópia, São Dásias, confessor.

Missa (oração)

A missa é do comum de confessor não pontífice, e a oração é a que segue.

> **Latim:** *Adesto, Domine, supplicationibus nostris, quas in beati Fiacrii, confessoris tui, solemnitate deferimus; ut, qui nostræ justitiæ fiduciam non habemus, ejus qui tibi placuit, precibus adjuvemur. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Atendei, Senhor, as súplicas que vos fazemos na solenidade de vosso bem-aventurado confessor São Fiacro, para que, não confiando em nossa justiça, sejamos socorridos pelos merecimentos daquele que teve a dita de agradar-vos. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 3 da primeira do apóstolo São Paulo aos Coríntios.

1 Coríntios 3,10-13

> **Latim:** 10 Secundum gratiam Dei, quæ data est mihi, ut sapiens architectus fundamentum posui : alius autem superædificat. Unusquisque autem videat quomodo superædificet. 11 Fundamentum enim aliud nemo potest ponere præter id quod positum est, quod est Christus Jesus. 12 Si quis autem superædificat super fundamentum hoc, aurum, argentum, lapides pretiosos,

> ligna, fœnum, stipulam, [13] uniuscujusque opus manifestum erit : dies enim Domini declarabit, quia in igne revelabitur : et uniuscujusque opus quale sit, ignis probabit.

Português: [10] Segundo a graça de Deos, que me foi dada, lancei o fundamento como sabio arquitecto: mas outro edifica sobr'elle. Porém veja cada hum como edifica sobr'elle. [11] Porque ninguem póde pôr outro fundamento senão o que foi posto, que he Jesu Christo. [12] Se algum porém levanta sobre este fundamento edificio d'ouro, de prata, de pedras preciosas, de madeira, de feno, de palha, [13] manifesta será a obra de cada hum: porque o dia do Senhor a demonstrará, por quanto em fogo será descoberta: e qual seja a obra de cada hum, o fogo o provará.

Nota

«Pouco instruídos ainda os coríntios nos mistérios da religião, em vez de aplicar-se a pôr em prática o que se lhes havia ensinado, gastavam o tempo em disputar uns com os outros sobre os talentos dos que lhes haviam anunciado o Evangelho. Cada qual se arrimava ao que queria, em vez de arrimarem-se todos a Jesus Cristo, único fundamento da fé e de todas as virtudes.»

Reflexões

É a Igreja um edifício espiritual, fabricado sobre o imutável alicerce da pedra angular, Jesus Cristo. Este Senhor foi o mestre que delineou o plano; os apóstolos, os oficiais e aparelhadores que o executaram; os fiéis são as pedras vivas, cimentadas e unidas com o sangue de todo um Deus. Ditosos aqueles que se deixam colocar naquele sítio para o qual cada pedra foi lavrada e destinada. Os hereges que pretenderam fabricar outro alicerce que o de Jesus Cristo logo viram dar em terra todo o seu edifício. Inutilmente se esforçam a formar partidos e fazer quanto podem para engrossá-los: todos os seus artifícios e todos os seus enredos são andaimes que sustentam a obra em falso por algum tempo; mas, cedo ou tarde, toda ela vem ao chão. A Igreja viu nascer todos esses partidos e todas essas heresias, e todas as viu morrer. Nenhuma houve que, sustentada dos grandes, apoiada com a autoridade de homens sábios e até de alguns prelados, defendida com a multidão dos partidários e abrigada à sombra e à gritaria do povo, não tenha dominado, não tenha feito muito ruído, não tenha reinado por algum tempo; mas depois, dobrando-se e arruinando-se os andaimes, ela mesma foi também sepultada entre suas ruínas. Essas miseráveis relíquias do arianismo e do nestorianismo, que ainda se veem no Oriente e em outras partes, não são mais que uns tristes fragmentos daquele fantástico edifício. A fé somente se manteve imóvel na Igreja católica, apostólica, romana. Que esforços não fizeram as demais seitas para derrubar, ou ao menos para desconjuntar este edifício? Mas esforços vãos! Empresas quiméricas! Esse edifício é eterno: a verdadeira Igreja é invariável, imutável, inalterável, sempre firme, sempre pura, como

fundada sempre somente em Jesus Cristo, seu único solidíssimo alicerce. Também a perfeição cristã é outro edifício místico em que devem trabalhar todos os fiéis. Se as mãos que trabalham nele são puras, tudo quanto tocam se converte em ouro e em pedras preciosas, símbolo da caridade e das mais sólidas virtudes. Ao contrário, por pouco manchadas que estejam, só levantam um edifício de palha ou de madeira, figura das obras que estraga e corrompe a vaidade. O juízo de Deus será como o fogo, que provará nossas ações, dissipará as trevas com que procuramos encobrir aos demais, e talvez também a nós mesmos, nossos pecados. Que vamos ganhar neste engano? A morte e o juízo tiram a máscara a tudo quanto fazemos.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas.

Lucas 12,32-34

> **Latim:** 32 Nolite timere pusillus grex, quia complacuit Patri vestro dare vobis regnum. 33 Vendite quæ possidetis, et date eleemosynam. Facite vobis sacculos, qui non veterascunt, thesaurum non deficientem in cælis : quo fur non appropriat, neque tinea corrumpit. 34 Ubi enim thesaurus vester est, ibi et cor vestrum erit.

Português: 32 Não temais, ó pequenino rebanho, pois que foi do agrado de vosso Pai dar-vos o seu reino. 33 Vendei o que possuis, e dai-o em esmolas. Provei-vos de bolsas, que se não gastão com o tempo, ajun- tai nos ceos hum thesouro, que não acaba: aonde não chega o ladrão, e ao qual não rée a traça. 34 Porque onde está o vosso the- souro, ahi estará tambem o vosso coração.

Meditação

Da santidade, única fortuna que cumpre fazer

Primeiro ponto

Considera que só temos uma fortuna que fazer; esta é a de fazer-nos santos. A santidade é o único objeto digno de um coração cristão; imagina outro bem mais real; busca outra glória mais sólida; discorre outra fortuna mais cabal, nem em que te interesses mais. Sem embargo, este é o único bem de que não fazemos caso, por correr atrás de fantasmas e quimeras. De que servirá a um homem, um instante depois da morte, e até uma hora antes de morrer, de que lhe servirá haver

sido rico e poderoso, haver gozado todas as honras e todos os gostos, se perde sua alma? E, se é santo, ter-se-á então lástima dele porque foi pobre, porque viveu humilhado, abatido e desprezado de todo o mundo? E será possível que esta santidade não desperte jamais nossos desejos nem nossa resolução?

Ser santos é ser servos de Deus; onde há título mais formoso? Onde se encontrará melhor nem mais digno amo? Mas ainda há mais. Ser santos é ser amigos de Deus, filhos de Deus; é ser ditosos, e eternamente ditosos, com a bem-aventurança do próprio Deus. Não são já todos os bens juntos os que unicamente possui o que é santo; possui a fonte e o manancial dos mesmos bens. Não é já, falando com rigor, o gozo do Senhor o que entra no coração dos santos; seria este um espaço demasiadamente estreito, excessivamente cingido: a alma dos santos é a que entra e a que deliciosamente se perde, por assim dizer, no abismo do gozo do Senhor, isto é, nas delícias e na bem-aventurança de Deus.

Imagina tudo quanto pode contribuir no mundo para que um homem seja perfeitamente feliz: junta todos os tesouros do universo, toda a magnificência dos grandes, todas as honras, gostos e diversões do século; reduze a uma só todas as coroas da terra para formar um só monarca do orbe; desterra também desta ideia de felicidade tudo quanto pode ocasionar moléstia, por mais que seja inseparável das misérias desta vida; mas nunca poderás apartar de ti a certeza de que algum dia hás de morrer, e este só pensamento derrama um amaríssimo fel em todas as alegrias deste mundo. Mas a santidade leva consigo uma felicidade pura, eterna, sem temer perdê-la jamais. Esta será minha sorte se me salvo; esta será minha herança; e será possível que se dirija a outro objeto minha ambição! Será possível que seja de meu gosto qualquer outro prazer! Posso ser amigo de Deus por toda a eternidade, e ainda penso em outra fortuna!

Mas em qual? Num emprego, numa ocupação que me levanta alguns degrauzinhos mais para fazer mais sensível minha queda; numa distinção que me há de granjear cem invejosos; em amontoar bens à custa de grandes suores para um herdeiro ingrato, ímpio e dissoluto; e não penso em ser santo!

Ó Senhor, e que vergonha! Mas oh, e que dor o haver pensado até aqui em tudo o mais menos nisto! E será possível que a única coisa de que nunca me lembrei, e que talvez tenha menosprezado também, tenha sido vossa amizade, doce Jesus, salvação e glória minha?

Segundo ponto

Considera que só estás na terra para gozar a mesma sorte que os bem-aventurados do céu. Grande é sua recompensa; mas não é menor a que nos oferece Deus: eles são santos; também nós estamos neste mundo para sê-lo. E podemos, Deus meu, pensar em outra coisa que em ser o que devemos! É ser prudente, é sequer ter siso o desprezar semelhante fortuna?

É acaso o trabalho de ser santos o que nos retrai de sê-lo? Pois quê, custa o céu mais do que vale e mais do que merece a posse do próprio Deus? As dificuldades aterram, o trabalho desalenta. Temores vãos, terror pânico, dificuldades imaginárias que se desvanecem só com dar princípio à

carreira. Mas pergunto: e não custa trabalho o fazer-se rico, o conseguir o emprego, o subir dois degraus mais? Não custa trabalho o fabricar-se uma fortuna quimérica? Quanto há que padecer! Quantos desgostos, quantos desaires se hão de devorar! Que de bocados duros se hão de digerir! Que fortuna houve jamais tão brilhante que merecesse os desvelos, as fadigas, os afãs, as humilhações e os rubores que custou o chegar a ela? Não há no mundo caminho que não esteja semeado de espinhos, coberto de abrolhos, cheio de barrancos; e a ninguém acovarda todo este montão de dificuldades.

Custa trabalho o ser santo, é verdade; hão de mortificar-se as paixões, hão de sofrer-se muitos combates e é preciso vencer; mas também se há de confessar que derrama Deus no coração de seus amigos certos segredos consolos que suavizam muito seu jugo. Acham-se cruzes no caminho da santidade, mas são muito doces seus frutos. Que abundância de doçuras celestiais não se experimentam entre os rigores da mais severa penitência! Mas suponhamos que só se achasse muita amargura no cálice e que só se tropeçasse em espinhos no caminho: haveria que deliberar quando se trata de uma eterna felicidade ou de uma eterna desdita?

Julgaram porventura os santos que se comprava a santidade a preço muito excessivo? Custou demais a São Fiacro? Sacrificou o mais grande, o mais brilhante, o mais lisonjeiro, o mais tentador que se encontra neste mundo. Não há coisa que tanto lisonjeie como o trono, não a há mais preciosa que a majestade, nenhuma há mais considerável que uma coroa. E arrependeu-se o santo à hora da morte de haver preferido sua amada solidão ao cetro da Escócia? Mas e devia arrepender-se? Em que teria parado se houvesse morrido no trono? Ah! No que tantos outros monarcas, de quem não ficou nem sequer memória de seu nome. Foi santo; e, por havê-lo sido, não só é a veneração, mas a emulação dos povos. Ó meu Deus, e quão erradamente julgamos! Mas, sendo tão desacertados nossos juízos, ainda o são mais nossas obras.

Ó ditosa sorte a dos santos! Fazei, Senhor, que o ardente desejo que tenho de lográ-la seja eficaz por vossa divina graça. Vós quereis que eu seja santo; também eu o quero ser e estou resolvido a viver como os santos viveram.

Jaculatórias

> *Porro unum est necessarium!* Lc 10.

Oh, e quanta verdade é que uma só coisa nos é unicamente necessária!

> *Beatus vir qui implevit desiderium suum ex ipsis.* Sl 126.

Ditoso aquele que toma o gosto a estas verdades e que só deseja ser santo.

Propósitos

1. Não te contentes com amar, com estimar a santidade e com louvar os santos. A isto se reduz todo o fruto que de ordinário se tira das reflexões que se fazem e dos panegíricos que se ouvem de suas virtudes. Toma desde logo uma eficaz resolução de imitá-los e de trabalhar nesta grande obra sem intermissão e sem tardança. Dá princípio a ela examinando se há em ti algum estorvo para a salvação. Estás naquele estado a que te chama Deus? Não sentes alguma inclinação, alguma afeição, alguma comunicação pouco inocente? Tuas ocupações, tua mesma ociosidade, teus hábitos, teus amigos e tuas diversões, servir-te-ão acaso de algum impedimento? Não deixes passar o dia sem cortar e sem reformar tudo aquilo que possa prejudicar tua verdadeira fortuna. Consulta com teu diretor qual é tua paixão dominante: este é o inimigo mais formidável de tua salvação; e assim não há que pensar em fazer nunca com ele pazes nem tréguas nem em dar-lhe jamais quartel.

2. Não basta tirar todos os estorvos da santidade; é preciso aplicar todos os meios para ser santo e pôr desde logo mãos à obra. Examina, pois, os pontos seguintes. Primeiro: cumpres exatamente em ter todos os meses um dia de retiro e em visitar todos os dias o Santíssimo Sacramento? Segundo: que tempo dedicas aos exercícios espirituais e à prática das boas obras? Terceiro: que fruto tiras da frequência dos sacramentos? Quarto: como cumpres as obrigações de teu estado? Tem presente que no pontual cumprimento destas obrigações consiste o meio principal de fazer grandes progressos na virtude. Quinto: visitas e socorres os pobres? Jesus Cristo só faz menção das obras de misericórdia quando fala dos servos que hão de entrar nos gozos do Senhor. Sexto: a vida dos santos é a melhor e a mais prática lição para todo gênero de gentes. Houve santos de todas as idades, de todas as classes, de todos os estados e de todas as condições: escolhe algum deles para especial protetor teu e para que te sirva de modelo. O melhor modo de merecer a proteção dos santos é imitá-los: nunca leias suas vidas sem ânimo de praticar alguma de suas virtudes.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:51:59 by Admin
Updated 20 November 2026 20:51:59 by Admin